

Boletim Outubro - Cenário Econômico

Outubro parecia ser um mês de recuperação, com forte valorização da bolsa de valores e perspectiva de retomada econômica mundial.

No final do mês, a Covid19 voltou ao foco das atenções. Com números de casos explodindo em toda a Europa e com o “fantasma” do *lockdown* das economias assombrando os mercados. Novamente o crescimento econômico global foi colocado em xeque.

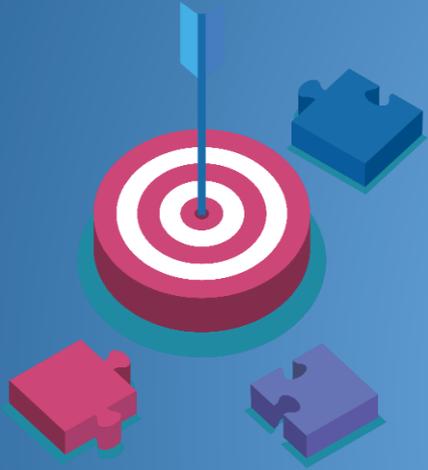
Não nos parece que *lockdowns* generalizados, a exemplo do que ocorreu entre Fev e Abril, sejam adotados novamente. Segundo os analistas econômicos, parece improvável que aconteça uma recessão da mesma magnitude do 2º trimestre, ainda que possível a depender da 2ª onda.

Incertezas como essas, podem levar os principais governos europeus a renovarem estímulos fiscais. O aumento do número de casos de Covid19 também afetou os EUA, além dos impactos trazidos pela corrida eleitoral, elevando a volatilidade, com forte queda nas bolsas globais e valorização do dólar.

O Brasil que já vinha sofrendo nos últimos meses com a questão fiscal, foi também impactado pela volatilidade internacional. Com o aumento do IPCA, principalmente pelo choque dos preços dos alimentos, as taxas de juros voltaram a subir no mês. Sinais de um mercado preocupado com a possibilidade de o Banco Central subir a Selic antes do recomendado, seja pela ociosidade da economia e/ou em função da deterioração das expectativas de inflação causada pelas incertezas com o aumento das despesas públicas.

Apesar dos acontecimentos recentes, a visão dos analistas continua sendo o de manutenção da disciplina fiscal e valorização da bolsa no médio prazo. No entanto, a volatilidade deve permanecer alta frente ao cenário de Covid19 e resultado das eleições nos EUA.

A respeito do cenário brasileiro, a maioria dos analistas econômicos continuam com a visão de manutenção da disciplina fiscal, o que permitirá que o BC mantenha a taxa Selic em 2% por pelo menos mais 12 meses.



Impacto na Previ-Siemens

O Real chegou a se valorizar 2% no início do mês, em função de algumas sinalizações positivas a respeito da obediência à regra do Teto de Gastos. A moeda brasileira, no entanto, não suportou as notícias negativas vindas da Europa a respeito de uma segunda onda da Covid-19, fechando o mês com desvalorização de 2,3% em relação ao Dólar.

Outubro também marcou a terceira queda consecutiva da bolsa brasileira, ainda que tenha sido um modesto recuo de 0,6%. A bolsa chegou a subir quase 8%, mas foi derrubada pelos receios associados à 2ª onda da Covid-19 na Europa e seus potenciais efeitos sobre o crescimento global.

Com isso todos os Perfis foram afetados negativamente, com peso maior no Moderado e Agressivo.